



## Mídia e Política<sup>1</sup>

Juliana Santana dos SANTOS<sup>2</sup>  
Karin Giordani SAMPAIO<sup>3</sup>  
Giovanna Rosti VICENTINE<sup>4</sup>  
Antônio Sebastião da SILVA<sup>5</sup>

Universidade Federal do Mato Grosso, Barra do Garças, MT

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo compreender as narrativas da revista Veja em uma construção ideológica numa análise comparativa sobre a trama política nas eleições no Brasil e Estados Unidos, com o intuito de revelar a configuração dos personagens pelo narrador e, assim, definir seu fio narrativo. O objeto de análise são dezessete reportagens da Veja dividida em dois períodos: as campanhas presidenciais em 2010 no Brasil com onze reportagens e em 2012 nos EUA com seis. O veículo escolhido como objeto torna-se importante por sua ampla audiência e influência política no país e, por vezes na América Latina. O método de análise foi feito com base na análise crítica da narrativa que nos permite compreender as estratégias utilizadas pelo jornalista para convencimento do leitor.

**Palavras-Chave:** política; jornalismo; narrativa; Brasil; Estados Unidos.

### Introdução

Dentro do amplo campo de dimensão representativa que os meios de comunicação possuem há uma circulação de significados que parte daqueles que produzem e daqueles que recebem. Com base nisso, esta pesquisa quer descobrir na diegese da narrativa jornalística, a ideologia que dá segmento as histórias (sem “h”, devido ao processo narrativo do Jornalismo, realizando diferenciação do campo de pesquisa dos historiadores) da revista Veja, tendo como norteamento do trabalho a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: [juliana.santana\\_123@hotmail.com](mailto:juliana.santana_123@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: [karin.giordani@gmail.com](mailto:karin.giordani@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: [gi\\_vicentine@hotmail.com](mailto:gi_vicentine@hotmail.com)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFMT, email: [antoniosilva@gmail.com](mailto:antoniosilva@gmail.com)



seguinte problemática: Qual a trama narrativa de *Veja* para a representação político-ideológica na relação Brasil e EUA?

A revista *Veja*, uma das principais publicações de seu segmento no mundo e importante influência política no Brasil, mantém linha narrativa de representação ideológica ao abordar as campanhas políticas presidenciais do Brasil em 2010, na qual, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, foi eleita presidenta e as campanhas políticas dos EUA em 2012, na qual Barack Obama, elegeu-se a Casa Branca, como representante dos Democratas. Analisamos as reportagens sobre as campanhas políticas presidenciais dos meses de setembro e outubro dos referidos anos (2010 e 2012).

Como metodologia seguirá a análise do texto para descobrir como será tecido o fio da narrativa para a formação de conhecimentos dos fatos que o narrador-revista quer passar a defender. Assim como proposta metodológica será observado o contexto que o envolve a narrativa, levando em consideração seus personagens, protagonistas e antagonistas, além das imagens que acompanham o texto jornalístico, com sua dramaticidade (enquadramento) e poder de convencimento do leitor.

Como objetivo o entendimento da formação de matriz narrativa, organizada pelo semanário paulista, que faz emergir vozes de representação de grupos sociais para a condução do pensamento nacional. Como hipótese, pressupõe que o narrador-*Veja*, possui uma ideologia baseada no neoliberalismo (supremacia do mercado sobre o fortalecimento do estado de bem-estar social), defendendo a liberdade industrial e comercial e sua autoregulação; e a redução da interferência do estado na economia, o que se contrapõe a política e economia empregada no Brasil, que mantém ainda aspectos políticos nacionalistas, com participação do Estado de forma dominante na economia do país, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos. A trama envolve a organização de vozes que conduzem para formação de matriz discursiva, que visa no final, a defesa dos princípios mercadológicos, o que exige desconstrução de personagens políticos, que contrariem sua exegese narrativa.

### **Poder simbólico de *Veja***

Os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível, eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem. A revista *Veja* exerce esse poder simbólico de forma predominante, portanto, a revista com a maior circulação nacional.



A *Veja* utiliza muito bem as ações simbólicas para induzir o público a adotar sua ideologia como veremos no recorte deste trabalho, no qual ela consegue modificar todo o sentido simbólico pregado pelo Partido dos Trabalhadores, para um lado negativo, ao transformar o slogan “O Partido do Povo” em “O Partido do Polvo”, com a imagem de um polvo com os tentáculos cheio de notas de dinheiro fazendo referência a corrupção e ao PT. Contudo, como tentaremos demonstrar neste texto, a narrativa jornalística não é toda a realidade atual, mas uma versão construída através da negociação de sentidos, filtros culturais, comerciais e técnicos.

### **Questões Metodológicas**

A rigor, a narrativa é um instrumento textual argumentativo que tem como função atrair e envolver o leitor, desvelando intencionalidades que lhe são implícitas. ‘Ela é uma composição mais heterogênea que homogênea, revelando no processo de sua configuração correlações de poder e disputas pela cocriação e interpretação do sentido público dos eventos’ (MOTTA, 2004, p.20).

Para Motta, as narrativas são consideradas composições de fragmentos e flashes encadeados linearmente, com início, clímax e fim. Na narrativa jornalística a composição é feita por um conjunto de textos publicados, notícias, reportagens sobre um mesmo tema. Como existe uma pluralidade de acontecimentos que se relacionam a temática, esses acontecimentos serão separados em episódios narrativos, ou seja, a narrativa é o conjunto de episódios que em conformidade com o tempo se completa e forma uma história, com começo, meio e fim. Todavia este fim não é necessariamente o final da intriga da história, mas sim “a síntese entre o tempo linear da história e a sua dimensão configurante, que transforma a sucessão de eventos em uma totalidade significativa”. Paul Ricoeur (1994 *apud* MOTTA, 2007, p. 08).

Neste artigo o produto jornalístico selecionado para objeto de análise é a narrativa da revista *Veja* durante o período de eleições no Brasil no ano de 2010 e as eleições nos EUA no ano de 2012 nos meses de Setembro e Outubro. São dezessete reportagens que compõem dois episódios.

A análise feita utiliza a interpretação dos textos e a técnica hermenêutica que leva em consideração o contexto sócio-histórico que o indivíduo está inserido para compreensão do mundo. Trata-se também de uma análise comparativa e descritiva que através dos rastros deixados pelo narrador revelará o fio narrativo da história e a ideologia atribuída a isto.



Motta divide a análise de narrativas em três etapas: a) Plano de expressão, onde o narrador/jornalista utilizará de estratégias de linguagens para produzir efeitos de sentido. b) O Plano da estória, que se refere ao conteúdo, aos personagens, as intrigas, ao enredo e outros; e, c) Plano da metanarrativa que está ligado a fatores abstratos como ideologias, moral, cultura e etc.

Estas etapas foram realizadas em dezessete reportagens da revista *Veja* do ano de 2010 e 2012 dos meses de Setembro e Outubro (divididos em dois episódios) que tem como tema central a campanha eleitoral de Dilma e Obama. Para a realização desta análise é necessário conhecer profundamente a estória com seus pontos de virada<sup>6</sup> e as intrigas que envolvem os acontecimentos políticos em disputas nas narrativas da revista *Veja*, para encontrar o fio condutor da estória.

Na análise das narrativas das campanhas eleitorais, em cada estória, classificamos os personagens em protagonistas, legitimados pelo narrador na sua performance na estória; antagonistas, deslegitimado na narrativa, por provocar o ruptura na busca de equilíbrio no sistema social idealizado pelo semanário; adjuvantes (tanto dos protagonistas e antagonista), os quais tem papel secundário na trama; e, neutros, os quais não tem papel definido pelo narrador numa perspectiva ideológica. De modo a descobrir quem se sobressai perante o outro e como eles mudam de papel no desenrolar da estória de acordo com o fio narrativo.

### **Estória da Revista *Veja* sobre as Eleições no Brasil**

Neste capítulo, com base na metodologia dita anteriormente, apresentamos a análise do objeto já definido, com a intenção de descobrir a ideologia que dá segmento as estórias narradas pela revista *Veja* sobre as campanhas presidenciais no Brasil. Como dito anteriormente, optamos por dividir a análise em dois episódios, as eleições no Brasil e nos Estados Unidos, numa coerência narrativa, de modo a apresentar o fio da estória e sua ideológica política em construção pelo narrador.

O primeiro episódio é composto por dezessete reportagens que narram o processo de campanha eleitoral, contendo as intrigas, os escândalos, as propostas e

---

<sup>6</sup> Consideramos aqui, conforme metodologia (MOTTA, 2013), pontos importantes da estória, com acontecimentos que exigem mudança na narrativa, de modo a reorganizar a trama, com novas performance dos personagens.



reviravoltas durante esse processo eleitoral que se dividiu em dois turnos até a eleição da presidente Dilma Rousseff. Seguimos adiante.

### **PT usa governo contra Serra**

A quebra ilegal do sigilo fiscal de cinco tucanos reforça a suspeita de que os dados obtidos foram usados para produzir um dossiê contra a campanha de José Serra (PSDB). (1/09/2010. P.61 ed. 2180).

Ao iniciar o episódio, a revista conta que o candidato e mais quatro tucanos tiveram seus sigilos fiscais violados, vítimas de uma ilegalidade cometida por funcionários da Receita Federal, do governo petista, Luiz Inácio Lula da Silva. Antonia Aparecida Rodrigues e Adeilda Ferreira são as funcionárias suspeitas de terem acesso aos dados e de receberem propina do Partido dos Trabalhadores (PT) para fornecimento de dados contra Serra, para a elaboração de um dossiê, que poderia ser útil para a campanha da candidata petista Dilma Rousseff. Veja descreve em sua estória ter descoberto um grupo responsável pela campanha de Dilma, liderado pelo jornalista Luiz Lanzetta. A assessoria da campanha da petista. montou um dossiê denominado Operação Caribe, onde nas primeiras paginas se encontravam dados de outros quatro tucanos que tiveram seus sigilos quebrados. Dados estes que só seriam possíveis de se possuir, caso tivessem contato com os dados invadidos na Receita Federal.

Depois da estória de Veja publicada sobre os atos do grupo, as ações foram abortadas pela cúpula de campanha da candidata. O narrador, como agente da narrativa se posiciona em a favor da Constituição e contra o ato de quebra de sigilo dos tucanos. “O respeito às leis, à moral e aos bons costumes nunca esteve num nível tão baixo neste país”, conta o semanário paulista. (01/09/2010 p. 62 ed. 2180).

O narrador retoma a estória sobre as eleições uma semana depois, com a manchete de capa, “o partido do polvo”. Na imagem, o narrador ironiza o slogan do PT, na apresentação da figurade um polvo com seus vários tentáculos que envolvem o aparelhamento do estado, em consequência do grande número de petistas em funções chaves, os quais estão “dominando”, “tomando” posse dos 40 cargos mais cobiçados do governo. Na estória, o narrador descreve que o comportamento dos petistas abala a democracia e deixa o país em um estado vulnerável. Desta maneira,

Quando a máquina pública passa a ser controlada por pessoas ligadas umbilicalmente a um partido político, e este a sindicatos, acaba de ser



criado um poder independente no país. Neste poder os ditames do corporativismo, das inclinações políticas, e dos interesses comuns da burocracia oficial valem mais do que as leis. (08/09/2010, ed.2181, p.82).

Na narrativa o Ministério da Fazenda, a Receita Federal, a Polícia Federal e o Gabinete da Presidência da República se tornam colaboradores do governo e do PT, pois eles atuam de forma coordenada a contribuir com o partido, conta Veja, no enquadramento dramático, evitando assim revelar o caso da quebra de sigilo para não prejudicar a campanha da presidenciável Dilma. Na sequência, diz o narrador, o PT assume um papel antiético ao se aproveitar da ligação que tem com o governo e as instituições para obter vantagens em relação a José Serra e o PSDB, vítimas das artimanhas dos petistas, que usam de todas as estratégias, sejam elas legais ou não, para saírem a frente nas eleições e derrotar o tucano.

Nesta abordagem, o narrador demonstra determinação em defender a constituição brasileira, que vem sendo atacada pelo governo petista, com interesse de obter vantagens sobre o adversário. Desta maneira, nas disputas entre os personagens o narrador se coloca em favor dos tucanos, na defesa da ordem da lei. Revelando para seus leitores as artimanhas do governo do Partido dos Trabalhadores, que usam do poder do Estado em favor da candidata Dilma Rousseff.

Na semana seguinte, prossegue no fio da narrativa. Como conta o narrador, na configuração da trama, “a corregedoria da Receita Federal, que deveria investigar as violações de sigilo cometidas por funcionários do órgão, trabalha para ocultar as provas do crime” (15/09/2010 p.86 ed. 2182). O governo usa o poder das instituições estatais contra os adversários político, nas eleições presidenciais, que se avizinham.

Perante o escândalo, a corregedoria da Receita sugeriu aos funcionários envolvidos no caso que eles coletassem assinaturas das pessoas que tiveram seu sigilo violado autorizados que declaravam permissão. Como descreve o narrador, entretanto o golpe não deu certo porque uma das pessoas procuradas para assinar a declaração Edson Pedro dos Santos procurou a polícia.

Veja segue na narrativa apresentando os atos ilegais da Receita Federal, que colabora com o PT para quebra de sigilo do partido adversário. No enquadramento dramático, o narrador compara o órgão em certos momentos, com ratos.

Neste ponto, o narrador passa a definir a performance de maneira mais evidente dos personagens na trama. Logo o Partido dos Trabalhadores torna-se vilão da narrativa



ao arquitetar artimanhas contra o PSDB vítima da estória, e um cidadão (Edson Pedro do Santos) denunciante do ato, nesse momento da estória, ganha status de herói por tomar uma atitude ética e agir com a moral. No final, a legitimação dos agentes na trama e a definição do fio da estória por Veja.

No mês seguinte, Outubro, o narrador dá continuidade a estória da elaboração dos dossiês contra a campanha eleitoral de Serra e a manipulação do PT com as instituições públicas. A narrativa aborda personagens como o Romeu Tuma Junior, então Secretário Nacional de Justiça, que ganha voz na narrativa para dizer que a candidata à presidência do PT estava desrespeitando as instituições, ao pressionar funcionários como Pedro Abramovay, à época, secretário de Assuntos Legislativos, para produzir dossiês contra a oposição. A intriga, portanto, vai se estabelecendo em torno do dossiê criado pelo governo, contudo, a trama gira em torno das eleições que envolvem petistas (antagonistas) e tucanos (protagonistas).

O narrador conta também sobre o aparelhamento de estado muito forte existente no governo Lula e que por este motivo a Polícia Federal não investiga bem o caso, “aliviando” para os membros do PT envolvidos em ações ilegais. O governo segue usando o poder institucional em favor da candidata petista, com o objetivo de obter resultados eleitorais.

“Diálogos entre autoridades revelam que o Ministério da Justiça, o mais antigo e tradicional da República, recebeu e rechaçou pedidos de produção de dossiês contra os adversários”. (27/10/2010 p.69 ed.2188), descreve o narrador O personagem Pedro Abramovay diz que não aguenta “mais receber pedidos da Dilma e do Gilberto Carvalho para fazer dossiês. (...) Eu quase fui preso como um dos alopados.” O dossiê, permanece como alvo das intrigas, na trama, motivando os ataques dos personagens na estória do narrador.

Veja constrói a narrativa colocando a personagem Dilma como uma pessoa que não respeita as instituições e a ética ao pedir elaborações de dossiês contra seu adversário Serra à funcionários públicos, ocupando na estória o papel de antagonista do narrador. Pedro Abramovay, que recusou os pedidos da candidata e Romeu Tuma, responsável pela declaração das pressões à revista, são vistos como éticos e adjuvantes protagonistas na narrativa. Embora José Serra, não apareça na narrativa, fica claro que ele é o alvo do PT, tornando-se vítima na estória, recebendo constantes ataques do governo petistas. Como conta o narrador na matéria a seguir: “Militantes ensandecidos, agressão física contra José Serra e, por fim, o destempero de Lula. Na base ou no topo,



o PT não conhece limites.” (27/10/2010 p.76 ed. 2188), as intrigas entram no calor das disputas eleitorais. Veja narra que durante ato público Serra é atingido por militantes do PT com uma bolinha adesiva, que o deixa tonto impedindo de dar continuidade a sua campanha. Na estória de Veja, os militantes são considerados um atentado a democracia, pois não respeitam os diferentes pontos de vista (a visão política dos tucanos) e, como se não bastasse a agressão ao candidato, Serra é acusado pelo presidente Lula de encenar a agressão para prejudicar a campanha de Dilma.

Durante a estória o narrador classifica a emissora SBT como antiética e diz que a TV editou as imagens do atentado ao candidato para prejudicá-lo. Porém, parabeniza o jornalismo da Rede Globo, que mostram as verdadeiras imagens da agressão sofrida pelo candidato. Como se nota, a estória envolve outros narradores, que também entram nas disputas como agentes políticos, assim, como o semanário paulista, desta pesquisa.

Como opositores da democracia e da liberdade de expressão o personagem antagonista na narrativa fica a cargo do PT, tendo como líder a figura do personagem Lula, que não reconhece limites e ataca o adversário tucano, com falsas acusações, os militantes do PT que agredem o candidato fisicamente e o SBT por proporcionar ao público imagens que não condizem com a verdade sobre o fato. Serra a cada passo na estória ganha papel de protagonista ao ser vítima dos abusos do PT, ao tentar defender suas ideias e a rede Globo, esta por sua vez passa a adjuvante de protagonista por passar ao público a “verdadeira” versão do fato.

Importante notar que o narrador se posiciona em favor das personagens protagonistas, o candidato tucano José Serra, que poucas vezes tem voz na narrativa. Deste modo, a cada passo o narrador se revela um agente da estória, no sentido de desvelar na narrativa, modelo político e ideológico. Seguimos em frente.

### **Os petistas nas disputas políticas, agora atacam a imprensa, descreve Veja:**

“Desacorçoados com a revelação de evidências irrefutáveis de corrupção no Palácio do Planalto, Lula e seu partido sacam do autoritarismo e atiram na imprensa, que acusam de ser golpista e inventar histórias. Eles querem um jornalismo melhor? Não. Querem jornalismo nenhum.” (29/09/2010 p.74 ed.2184).

O governo Lula acusa a imprensa de golpista e inventar histórias, devido aos escândalos ligados ao partido, que a mídia retratou e propõe projetos de controle da mídia como o Conselho Federal de Jornalismo. O objetivo, segundo o governo, seria



para orientar, disciplinar e fiscalizar os jornalistas, mas como descreve o arrador é só mais uma atitude totalitarista com o intuito de censurar a imprensa.

A rigor, conta Veja, a imprensa é vítima das atitudes anti-democráticas do governo, sendo que o governo Lula exerce atitudes autoritárias, que vão contra a liberdade de expressão, direito garantido pela constituição. A disputa passa a ser pela estória, sendo que os antagonistas querem calar a voz do narrador, que defendo a democracia e o direito das pessoas de se informar dos acontecimentos livremente.

No mês seguinte a revista volta a narrar as tentativas do PT sobre o controle de imprensa: “No Ceará, o PT tenta fazer o seu laboratório de censura à imprensa e as emissoras de radio e TV”. (27/10/2010 p.81 ed.2188), descreve o narrador, no seu enquadramento dramático na estória.

Os planos do PT e de Franklin Martins, cabo eleitoral de Dilma, é controlar a imprensa, com o objetivo de fazer sua política autoritária. Como conta Veja, o partido sugere a implantação de um Conselho Estadual de Comunicação no Ceará para monitorar os “abusos e arbitrariedades dos meios de comunicação”, o que no final é tão somente censura a tudo aquilo que for contra o PT e ao governo.

Na trama, o Partido dos Trabalhadores vai contra a democracia e a liberdade de imprensa, assumindo cada vez mais o papel de antagonista, tendo como seu adjuvante o ministro das comunicações, Franklin Martins. A rigor, conta Veja, a vítima da estória narrada é a imprensa que tem seus direitos de liberdade abalados por um governo autoritário, tornando-se assim o próprio narrador agente ao lado dos protagonistas da estória, em tempo de eleições, os adversários petistas, favoráveis a liberdade de imprensa e democracia.

### **PT, PSDB e a Campanha Eleitoral**

A narrativa segue com o debate eleitoral exibido pela Rede Globo como um sendo inosso, sem discussões de ideias e propostas, que realmente interessam o eleitor brasileiro. Assuntos de interesse do público como: o papel do estado na indução do crescimento econômico, a reforma da previdência no setor publico e os rumos da política tributária não foram discutidos, descreve o narrador, na ordenação do fio narrativo, com olhar em seu projeto dramático.

O narrador ataca o protagonista, o candidato José Serra, por não trazer a tona assuntos como a quebra do sigilo fiscal e a corrupção da Casa Civil. Desta maneira,



persegue a moral da estória, contrariando até mesmo os personagens com status de herói. Contudo, não passa, no final, de estratégia de campanha, pensada pelo candidato que apenas seguiu o conselho de seus assessores. Faz parte do jogo político, parece querer dizer o narrador .

O narrador conta que, durante as campanhas eleitorais os candidatos (todos) esqueceram-se dos brasileiros que trabalham, que produzem, que pagam impostos, sejam eles ricos ou pobres. No entanto, retoma o ataque ao estado no comando petista. Como descreve, esses cidadãos não tem retorno do governo, que só prevê políticas públicas a um determinado grupo e esquece das necessidades desta outra parcela da população. A esta parcela resta apenas cobrança de impostos abusivos e uma burocracia desnecessária quando se tenta empreender. Na sequência da estória descreve Veja que,

Pode se considerar um brasileiro esquecido todo trabalhador (no sentido literal da palavra: aquele que trabalha para si ou para os outros) sem tempo nem estomago para defender seus interesses por meio de ONGs , lobbies, ou amizades no circulo de poder cuja renda não depende das benesses do estado. Nesse estrato olvidado da sociedade, há representantes ricos e pobres. Os pertencentes da classe média baixa, contudo, são os que mais sofrem porque seu rendimento é alto suficiente para ter independência financeira do governo, mas não para prescindir totalmente dos péssimos serviços públicos básicos em saúde, educação e transporte. (06/10/2010 p.90 ed.2185).

Na narrativa, Veja coloca como protagonistas os brasileiros esquecidos que representam a população injustiçada, que trabalha, produz, não depende de assistência social e não recebe retorno algum por parte do governo no que diz respeito à saúde, escola e transporte. Pelo contrario só é massacrada com a cobrança de impostos abusivos. Como pano de fundo, o narrador direciona para o seu interlocutor, no sentido, de afirmar as mazelas em que estão submetidos, sobretudo, aqueles que dependem do estado, comandado pelo governo do Partido dos Trabalhadores. O narrador assume papel político, com voz, ao defender modelo social, sem dar poder de fala aos protagonistas, os adversários do governo, cuja candidata a sucessão do presidente Lula é Dilma Rousseff.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ao contrário do atual governo, contribuiu para uma economia mais justa no país, ganhando papel de de protagonista na estória de Veja. Afinal, o atual governo se esqueceu de parcela da população, a mais pobre, ao aumentar imposto que dificulta a vida desses brasileiros, na dependência do Estado do bem-estar social.



### **Dilma Rousseff uma incógnita para o eleitor**

Inicialmente elogios pela indicação de Dilma a presidência feita pelo presidente Lula, devido ao bom trabalho que a candidata desempenhou como Ministra na Casa Civil. Contudo, como candidata é uma incógnita, pois seus planos de governo são nebulosos e desconhecida pelos empresários e políticos, conta Veja. Ninguém sabe ao certo se a candidata pretende dar segmento ao governo Lula ou aplicar novas políticas. Afinal, nessas condições, conta o narrador, sinalizando para o futuro, em diálogo com seu interlocutor,

“A poucas horas do primeiro turno das eleições, os planos de governo da petista Dilma Rousseff, ungida candidata por um homem só, permanecem uma incógnita para o eleitor.” (06/10/2010 p.74 ed.2185).

No fio da narrativa, Dilma Rousseff, segue antagonista. O narrador na definição do pano de fundo da estória, descreve que sequer os empresários a conhece, portanto, uma incógnita para o desenvolvimento do país, com crescimento econômico. Os adversários dos petistas, no fio da narrativa, pouco aparecem com o poder de Voz.

### **Preparado para liderar o país**

Se Dilma é dúvida, o tucano José Serra, conta o narrador, é um homem que se prepara para a presidência desde os tempos de estudante, que participou de políticas estudantis como a UNE (União Nacional dos Estudantes), passou anos estudando economia, se deparou com acontecimentos como a Guerra Fria e não se deixou corromper pelos ideais esquerdistas, que em certo ponto vão contra a democracia. O narrador, sem dar voz ao protagonista, legitima-o na estória, ao coloca-lo, com aquele que é capaz de enfrentar os desafios e em favor da democracia. Um homem com ideais de esquerda e não se corrompe na política. Desta maneira, conta, aos 68 anos é um homem vivido e preparado para assumir a presidência do país.

O protagonista segue sem voz, mas em discurso indireto, descreve o narrador, ao reproduzir o pensamento do protagonista: o candidato tucano “formou a convicção de que todo homem precisa entender de economia se quiser ser um líder relevante. Começou a estudar na Universidade do Chile e logo se identificou com autores que defendiam o papel do estado como planejador e indutor do crescimento como o argentino Raul Prebisch.” (06/10/2010 p.78 ed. 2185).



Definitivamente, a performance dos personagens se tornaram evidentes, com a candidata Dilma Rousseff e o governo Petista, de Lula, como antagonistas, anti-democráticos que atacam a imprensa. A mudança se faz necessária na política brasileira, e quem ganha condições para esta missão é José Serra, do partido de ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Se Rousseff é uma incógnita para os empresários, de fato, não acontece o mesmo com o tucano, com pode se entender, no final.

A trama de Veja, segue definindo na diegese, linha ideológica, na defesa da economia e desenvolvimento brasileiro, numa referência ao mercado. Importante, observar na narrativa, o papel assumido pelo próprio narrador, da apresentação das vozes, que assume, legitimando os protagonistas, que seguem sem voz, e deslegitimando, por outro lado, os antagonistas, que defendem o fortalecimento do Estado e do bem-estar social.

### **Estória da Revista Veja sobre as eleições nos Estados Unidos**

O segundo episódio é composto por seis reportagens que narram o processo de campanha eleitoral nos EUA entre o republicano Mitt Romney e o democrata Barack Obama, neste episódio apresentaremos a estória contada pela revista e a análise feita com base na metodologia, classificando o papel dos personagens, para desvendar o fio narrativo da estória e estabelecer uma comparação com a narrativa feita durante as eleições no Brasil e nos EUA. Seguimos adiante

#### **Agora, todo jogo é decisão**

Faltando dois meses para as eleições presidenciais dos Estados Unidos, o republicano Mitt Romney fez uma convenção a fim de cativar o eleitorado. Como descreve Veja, com a tentativa de “humanizar-se” e retirar a aparência de milionário plutocrata, Romney tem feito uma incessante campanha para ganhar votos da população negra, latino-americana e feminina. Na campanha, o candidato utiliza-se sempre da imagem de sua família, sua religião e até mesmo de vídeos de depoimentos de apoio de negros, latinos e diversas mulheres a sua candidatura. Segue o narrador na apresentação do personagem e suas estratégias políticas: Para virar o jogo a seu favor, Mitt Romney precisava descolar-se da imagem, construída pela oposição, de um plutocrata que enriqueceu com práticas empresariais predatórias e não faz ideia de como é a vida do americano comum. (05/09/2012 p.98 ed. 2285).



A fragilidade da economia americana durante o governo de Obama é deveras comentada nas convenções republicanas, os democratas por sua vez tentam escapar das acusações, colocando a culpa no governo anterior do presidente George W. Bush e os investimentos na guerra do Iraque e do Afeganistão.

Romney, por sua vez, tem uma assessoria formada por excelentes economistas e promete voltar o ritmo de crescimento do PIB a 4%. Como descreve Veja, a única saída de Obama para rebater tais promessas foi garantir novos investimentos públicos, mas para isso aumentará os impostos em 2% para os norte-americanos mais ricos.

Como descreve o semanário paulista, “os efeitos da recessão e o aumento das despesas públicas elevaram a dívida federal americana. Os trilhões gastos pelo governo Obama não foram suficientes para fazer a taxa de desemprego recuar aos níveis anteriores à crise iniciada em 2008. (05/09/2012 p.103 ed. 2285). Portanto, como destaca o narrador, no governo Obama, aumenta a recessão, nos Estados Unidos. Assim, segue Veja,

Obama é como “uma miss”, pois seu jeito carismático e irreverente traz a beleza externa de sua campanha para disfarçar o alto número de desemprego e a crise econômica que o país enfrenta durante o seu governo. Obama, na estória do narrador, ganha status de antagonista, com um governo que provoca crise econômica no país, embora consiga apoio popular, capaz de leva-lo à reeleição.

Enquanto Romney, conta o narrador na comparação entre os dois personagens, terá que revelar sua “beleza interna” e mostrar que tem ideias e habilidades para tirar os Estados Unidos da pasmeira econômica. Nesta altura da narrativa, Veja legitima Romney e ataca Obama, pois o Republicano tem competência para tirar o país da recessão, causada pelos Democratas, do candidato à reeleição.

### **Reviravolta**

Com o vazamento de um vídeo em que o candidato Mitt Romney afirma que 47% dos eleitores são parasitas do estado abre um rombo no casco da campanha eleitoral republicana para a alegria dos democratas. O narrador, porém, trata essa situação como se fosse um pequeno tropeço e não o fim da candidatura de Romney, afinal os bons também erram.

Pois isso não impediu que a menos de um mês das eleições nos Estados Unidos, a incapacidade de Obama de provar que fez um bom governo torna sua derrota menos



improvável e faz com que o seu adversário Mitt Romney alcance- o nas pesquisas e ganhe popularidade.

Mitt Romney, o executivo e membro de uma religião vista como exótica (Mórmon) nos Estados Unidos, ameaça à reeleição de Obama com a promessa de pôr ordem na economia e sua popularidade conquista através da aparência familiar e bem sucedido em sua carreira que vem sido divulgada.

Muitos eleitores apostam que a experiência de Romney e sua capacidade de analisar montanhas de dados para tomar decisões acertadas possam servir para tirar os Estados Unidos do marasmo econômico. (31/10/2012, p. 89 ed. 2293)

Nesta narrativa, Mitt Romney é tratado como a possível salvação para a economia dos Estados Unidos, ocupando o papel de protagonista na maior parte das histórias e seu adjuvante o Partido Republicano. Já Barack Obama, é tratado como o antagonista de duas caras, pois ainda que represente um governo seguro e estável, o país ainda está alarmado com a crise que paira sobre o país, tendo como adjuvante o Partido Democrata.

### **Considerações Finais**

No primeiro episódio, depois de termos analisado as histórias, podemos afirmar que em grande parte da narração Dilma e o Partido dos Trabalhadores aparecem ocupando o papel de personagens antagonistas, pois com base nas narrações estes incorporam ações que vão contra a democracia, a liberdade de imprensa, as leis e direitos previstos na constituição, além de possuírem ideais totalitários que aos olhos da revista pouco contribuem para o progresso do país.

Na narração construída pela revista Veja aparecem personagens mais bem preparados para assumir a liderança do país como é o caso do personagem José Serra que aparece como protagonista em grande parte da narrativa. Ele na história é um homem pronto para liderar que vem se preparando para a presidência desde os tempos de estudante, e é um entendedor de economia, sua formação e suas referências condizem com a ideologia do narrador de uma economia Neoliberal, onde o estado só tende a colaborar para o crescimento e desenvolvimento da economia do país.

Veja aborda em suas narrações também que a carência do país se dá no esquecimento por parte dos representantes políticos do brasileiro produtor, que trabalha e contribui para o desenvolvimento do país, este cidadão na história não obtém retorno



do governo e pelo contrario é massacrado com impostos abusivos e não recebe incentivo nenhum para empreender e contribuir para um desenvolvimento econômico do país.

O fio condutor da estória então seria o desenvolvimento econômico do Brasil, com um estado que não interfira no progresso econômico com impostos mais acessíveis a população e menos burocracia, e de acordo com perspectiva de Veja, os personagens vão sendo posicionados na estória como vilões ou heróis (protagonistas ou antagonistas).

No segundo episódio, constatamos que devido ao governo defasado de Obama e o abalo econômico que o país sofreu em sua gestão, o narrador o trata como personagem antagonista na maioria das estórias, pois é ressaltado que o candidato democrata usa sempre sua simpatia e poder de persuasão para conquistar seu eleitorado, mas que na prática não consegue convencer de que fez uma boa gestão, se tornando uma incógnita para seu público.

Já Mitt Romney é o candidato que demonstra maior preparo para solucionar os problemas que o país enfrenta economicamente assessorado por uma equipe de especialistas em economia que prometem fazer o PIB americano crescer em até 4% ao ano.

Nesta sequência de narrativas, fica claro que o semanário coloca tanto o candidato americano democrata, como a candidata petista brasileira como incógnitas, entretanto o tratamento dado a eles é diferente, pois podemos observar o distanciamento que o narrador fala de Obama enquanto Dilma não é perdoada e é veementemente rechaçada e ironizada. Enquanto isso o candidato tucano Serra e o republicano Romney são vistos como o melhor para o país, devido a sua história pregressa de preparo e conhecimento econômico, já que Serra é economista e Romney possui toda uma equipe para tratar do futuro econômico do país.

## **Referências**

SILVA, A. S, MOTTA, L. G. Representações políticas: disputas narrativas pelas estórias. João Pessoa: UFPB, 2012.

THOMPSON, J. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa. Petrópolis: Vozes, 1995.